



Ruy Proençaⁱ

ESSE TREM

esse trem
que vem
do leste
extremo
da cidade

e se acidenta
contra
o comboio
de minhas
vértebras

me levaria
aonde?
ao bairro Ocaso?
à minha
casa?

PROVAÇÃO

entro no trem
como alguém
nadando
em mar
de carne

carne: matéria
resistente
escorada
em barras
de ossos

entro
sob pressão
injetado

amalgamando-me
tecido contra
tecido
à massa
impenetrável

sem mais saber
se tenho braço perna

se os pés
tocam
ou não
o chão

sem saber
se ainda
sou eu

os olhos voltados
para o teto
da composição

ZONA DE CONFORTO

se você
viu um prego
em minha testa

e acha
que isso faz
todo o sentido

então viver
é menos perigoso
do que eu imaginava

vamos
pendure
um quadro

RELÓGIO NO AQUÁRIO

quero passar a vida
num cartório –
este
por exemplo

aqui me permitem
não fazer
o que importa
e mais

acompanhar a mosca
que se desloca
do lustre
para a fórmica do balcão

do balcão
para um ponto preciso
na parede

as pessoas têm muita pressa
são ansiosas

não despregam o olho
do painel eletrônico –
anseiam pelo alarme
com seu número

a vida passa
muito rápido

não aqui
neste aquário
seco

HOSPITAL

deitado na maca
na penumbra
de um quarto tranquilo

ao pé da janela
persianas fechadas
faço ultrassom

do lado de lá
da parede

quem o coitado
na sala de cirurgia?

um ruído estridente
quase insuportável
de serra elétrica

e o baque seco
repetido
de uma marreta

CÉREBRO

cérebro que me serviu
para me prever
depois de morto

se caminho pela trilha
das ilhas
nos arquipélagos

se minha vida
é povoada de
sereias
polifemos

se desço ao
sulfuroso banho
ou à seção
de degolados
no quinto subsolo

se jogo a rede
sobre as estrelas
e depois as como
como biscoito

se as garras
dos pterodátiles
durante a noite
rasgam
carnavalizam
minhas sinapses

se
estimulada
pelo fole

de meus pulmões
a extrusão
de meus neurônios
se assemelha
à ira dos vulcões

se minhas unhas
de amianto
escarificam
a chama o algodão
do último
e mais violento
amor

tudo só me serviu
para me prever
depois de morto

AUTOFUTUROLOGIA

a água
entra e sai
das cavidades orbitais

rola o crânio
na multidão de seixos

um ou outro
se encaixa à perfeição
e depois se solta

o interior da caixa
acumula
alguns búzios

a pulsão do mar
não cessa
de embalar os seixos

o crânio rola

e toca
como um chocalho

RELEVANTES INFORMAÇÕES DO SR. LINEU

ainda há
uma gaveta
livre

o ossário
fica acima
das gavetas

não há
portanto
necessidade
de exumação
imediate

nunca ouviu falar em
tempo de carência
após um
pronto-sepultamento

e o pronto-sepultamento
é bem menos
burocrático
do que um processo
na prefeitura

TERATOLOGIA

um rato
entrou
em mim

por isso
me digo
monstro

embora
todos o sejamos
em alguma
medida

como imaginavam
os seiscentistas
(Ambroise Paré
sobretudo)
foi pela porta
de entrada
ou saída
de uma mulher
que me tornei
um

vão

por onde
pudesse entrar
o rato

MIRAGEM

desço da jardineira –
tudo tão
aridamente
real

a chegada o vilarejo o calor
uma gripe de chumbo
a fome engolindo
ruas de areia

súbito
dobra a esquina
surge
cruza a rua

o pavão de Sosígenes
o próprio doge

chão da tarde
céu de areia
um cometa azul
e sua cauda de galenas

estridente aurora cometa doge
sobe dois degraus
de cimento
ignora a foto
e

sem espelho onde se mirar
segue para um quintal
arrastando o peso
de seu manto cósmico
que a seleção natural
não amputou

ⁱ **Ruy Proença** nasceu em 9 de janeiro de 1957, na cidade de São Paulo. É autor dos seguintes livros de poesia: *Pequenos séculos* (Klaxon, 1985), *A lua investirá com seus chifres* (Giordano, 1996), *Como um dia come o outro* (Nankin, 1999), *Visão do térreo* (Editora 34, 2007), além do infantil *Coisas daqui* (SM, 2007). Traduziu a coletânea *Boris Vian: poemas e canções* (Nankin, 2001), da qual foi também o organizador, *Isto é um poema que cura os peixes*, de Jean-Pierre Siméon (SM, 2007) e *Histórias verídicas*, de Paol Keineg (Dobra Editorial, 2014).